

## O USO DO OLHAR NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

### THE USE OF EYE GAZE IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE

Valdemar Barbosa Lima Júnior (UFMG)<sup>1</sup>  
Elidéa Lúcia Almeida Bernardino (UFMG)<sup>2</sup>

**Resumo:** Cada vez mais os linguistas têm se interessado em analisar os marcadores não manuais nas línguas de sinais, para que tenhamos uma melhor compreensão dessas línguas. Esses articuladores são muito difíceis de analisar, visto que os nossos membros e órgãos de sentido se movimentam naturalmente por necessidades biológicas. O olhar possui diversos direcionamentos e padrões de uso. Na língua brasileira de sinais utilizamos o olhar também de forma gramatical. Esse artigo visa analisar como o olhar está envolvido no uso da Libras. Trata-se de uma pesquisa descritiva em que se utilizou o *corpus* de Libras da UFSC, o qual contém entrevistas sinalizadas por surdos de referência no Brasil. Constata-se que o olhar pode coocorrer a um apontamento manual, a um substantivo, a um verbo, a um classificador e seu movimento.

**Palavras-chave:** Direção do olhar; Línguas de sinais; Língua brasileira de sinais.

**Abstract:** More and more linguists have become interested in analyzing non-manual markers in sign languages, so that we have a better understanding of these languages. These articulators are very difficult to analyze, since our limbs and sense organs move naturally due to biological needs. The eye gaze has different directions and usage patterns. In Brazilian sign language we also use eye gaze in a grammatical way. This article aims to analyze how the eye gaze is involved in the use of Libras. This is a descriptive research in which the UFSC Libras corpus was used, which contains interviews signed by reference deaf people in Brazil. The eye gaze co-occurs with a manual point, a noun, a verb, a classifier and its movement.

**Keywords:** Eye gaze; Sign languages; Brazilian sign language.

#### Introdução

Os pesquisadores das línguas de sinais comumente separam os articuladores manuais e não manuais (Brito, 1995; Liddell, 2003; Quadros e Karnopp, 2004; Mohr, 2014). Os não manuais incluem todos os articuladores que não fazem parte das mãos e braços, os principais produtores linguísticos das línguas sinalizadas. Dachkovsky (2008), em seu trabalho sobre a língua de sinais israelense, menciona que foi no fim de 1970 que se iniciou o interesse pelos estudos das expressões faciais.

Sobre as Expressões Não Manuais (ENM), Quadros e Karnopp (2004) mencionam várias partes do corpo como fazendo parte delas, tais como a face, os olhos, a cabeça e o tronco com seus respectivos movimentos. A parte superior do rosto inclui sobrancelhas franzidas, olhos arregalados, lance de olhos e sobrancelhas levantadas (Ferreira Brito e Langevin, 1995). Em relação

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista CAPES. E-mail: valdemarjuniorlj@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5934-8656>.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística Aplicada pela Boston University (2006), Mestre em Linguística pela UFMG (1999). Pós-doutorados: UFMG (2009), University of New Mexico (2016) e CEFET/MG (2024). Professora Associada da Faculdade de Letras da UFMG; Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – POSLIN, da Universidade Federal de Minas Gerais; Líder do Núcleo de Estudos de Libras, Surdez e Bilinguismo – NELIS. E-mail: elideia@ufmg.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3718-9631>.

a isso, Wilbur (2003) referencia os olhos e a direção do olhar como pertencentes aos marcadores não manuais.

Ao longo dos anos, os linguistas têm desenvolvido o mapeamento de articuladores nas línguas de sinais, seus movimentos e suas funções, para descreverem e para explicarem fenômenos linguísticos. Existem considerações e estudos que tratam de ENM específicas, como o uso dos olhos na ASL (Padden, 1976; Grossman e Shepard-Kegl, 2006), na língua de sinais japonesa (Saito, 2016); o uso das sobrancelhas na Libras (Figueiredo e Lourenço, 2019), bem como o uso da boca na língua de sinais irlandesa (Sandler, 2009) e na Libras (Pego, 2013; Xavier, 2019).

O olhar (direção) e olhos (movimento das pálpebras) fazem parte das expressões faciais, sendo agrupados entre os marcadores não manuais. O uso do olhar na Libras é um assunto apresentado de maneira incipiente na literatura brasileira. Em seus estudos sobre a língua de sinais japonesa, Saito (2016) menciona que os linguistas ainda não esclareceram o sistema e as regras do olhar e dos olhos naquela língua de sinais.

Na produção da Libras, o falante cria um cenário à sua frente, e isso faz com que ele dirija o olhar para os sinais ou para pontos no espaço, a fim de expressar relações gramaticais, pois, o olhar pode exercer várias funções nas línguas de sinais.

Dito isso, e com o propósito de ampliar e enriquecer as pesquisas linguísticas sobre as línguas sinalizadas, apresentar-se-á, neste trabalho o uso do olhar (*eye gaze*) e suas funções, especificamente na Libras. Nas análises, será considerado o direcionamento dos olhos (para a direita, para a esquerda, para cima, para baixo) (Prillwitz, 1985; Brito, 1995; Wilbur, 2003) e para frente<sup>3</sup>. Também será explanada a categorização: para o referente, para o espaço, para as mãos e o olhar interno<sup>4</sup>. Utilizamos figuras de trabalhos de autores que tratam do assunto, bem como recortes do *corpus* de Libras da Universidade Federal de Santa Catarina, para ilustrar e descrever os fenômenos envolvidos. Sempre que possível, foram inseridos pelo menos dois exemplos, com surdos masculinos e femininos.

## 1 O olho humano como canal produtivo e receptivo nas línguas de sinais

Os olhos podem refletir emoções e pensamentos, servem para diversos fins na comunicação. Existe um olhar chamado de “apontar com os olhos”, que geralmente é acompanhado de um apontar com a mão. É dessa maneira, na comunicação humana, que cuidadores fazem com que bebês percebam e se lembrem dos nomes de coisas (Saito, 2016). Nas línguas de sinais, o olhar também é utilizado de forma gramatical.

Na língua oral, o ouvinte também utiliza o olho como canal receptivo, pois as línguas, sejam orais-auditivas ou gesto-visuais, possuem gestos que as acompanham. No entanto, as línguas de sinais são percebidas exclusivamente pela visão. O receptor da mensagem compreende a língua de sinais mediante a visualização do sinalizante e do espaço.

O campo da visão humana é de um raio de aproximadamente 180° (Queiroz *et al.*, 2015). Isso nos possibilita fazer a leitura da Libras, que é realizada nesse espaço. À medida que a pessoa sinaliza, ela utiliza uma estruturação gramatical espacial, elabora espaços mentais (Fauconnier, 1997), faz uso de diferentes perspectivas que podem ser: ampliada, reduzida ou mista, em todo o espaço à sua frente (Perniss, 2007; Bernardino *et al.*, 2021; Lima Júnior, 2023). O sinalizante tem um limite de deslocamento do seu corpo para a sinalização que não extrapola o espaço até onde o

---

<sup>3</sup> Acrescentou-se o olhar para frente porque ele também pode ocorrer, porém, desviado do destinatário. O emissor pode deslocar o tronco para a direita, para a esquerda, para frente ou para trás, bem como utilizar o olhar para um referente ausente.

<sup>4</sup> Utiliza-se olhar “interno” como o olhar para dentro da cena, dentro do espaço de projeção. Na ação construída (AC) o olhar pode ocorrer em qualquer direção, a depender do contexto. Inclusive, o sinalizante pode até fechar o olho, para demonstrar uma sensação, por exemplo (algo como “olhar para dentro de si mesmo”).

seu braço alcança. Ele pode até mudar o posicionamento de cabeça, de olhos e de corpo (*role-shift*), mas não pode dar vários passos em seu espaço, tal como na mímica (Supalla, 2003).

Na leitura da sinalização, o destinatário não pode desviar o olhar do emissor, para não perder a mensagem que está sendo transmitida. Na língua oral, o desvio do olhar do receptor não prejudicará a compreensão da mensagem. Mesmo desviando o olhar, o destinatário continuará compreendendo a mensagem recebida através dos ouvidos. Um ouvinte, por exemplo, pode comunicar-se por telefone sem a necessidade de visualizar o remetente. De forma distinta, a língua brasileira de sinais possui uma marcação constante de categorias de uso do olhar durante a sinalização do emissor. O remetente pode organizar um cenário à sua frente e direcionar o olhar para os sinais ou pontos no espaço conforme a disposição dos referentes no espaço mental construído, a fim de dar coerência ao seu discurso (Quadros e Karnopp, 2004; Perniss, 2007; Mohr, 2014; Araújo, 2016).

Em conformidade com isso, Bahan e Supalla (1995) consideram que o sinalizante pode dirigir o olhar para (i) o público, (ii) para as suas mãos, ou mesmo ter uma (iii) visão de personagem. Além das considerações desses autores, acrescentamos outro padrão de olhar, que é (iv) para o espaço (Engberg Pedersen, 1999), porque o sinalizante pode direcionar o olhar para pontos no espaço aos referentes ausentes.

Para concluir, o receptor da mensagem sinalizada deve ficar atento visualmente, pois o emissor, durante a sinalização, utiliza diversas perspectivas, direções e padrões de olhar na produção da mensagem. Na produção linguística das LS, diferentes articuladores podem transmitir diferentes informações simultaneamente.

## 2 Uma breve menção ao uso do olhar nas línguas de sinais

O olhar e os olhos cumprem diversos papéis na produção das línguas sinalizadas. De acordo com estudos das línguas de sinais, sua função pode ser prosódica-gramatical (Sandler, 2010; Saito, 2016). Saito (2016) postula que, na língua de sinais japonesa, o olhar e os olhos são elementos linguísticos, e suas funções gramaticais são: pronome, advérbio, mudança de papel e concordância verbal. Nesse raciocínio, estudos de Sutton-Spence e Woll (1999), na língua de sinais britânica afirmam que o olhar é parte linguística essencial em sua produção. Essas autoras elencam funções linguísticas diferentes do olhar na língua de sinais britânica:

1. no nível fonológico para distinções lexicais;
2. em conjunto com a localização e movimento de referentes no espaço;
3. para mostrar o *role-shift*;
4. para contrastar pseudo-perguntas (retóricas e de eco) com questões genuínas;
5. e para marcar o tempo. (Sutton-Spence e Woll, 1999, p. 94, tradução nossa<sup>5</sup>).

O item 4 (contraste entre pseudo-perguntas e questões genuínas) está relacionado aos olhos (pálpebras), porém o foco deste estudo é o olhar. Veremos que alguns termos podem se diferir, mas significam os mesmos fenômenos. Por exemplo, mudança de função, troca de turnos, troca de papéis, podem ocorrer na ação construída (AC). Em relação a informações temporais na Libras, tal ocorrência pode ser expressa por AC.

## 3 Na fonologia

---

<sup>5</sup> Texto original: 1. at the phonological level for lexical distinctions; in conjunction with the location and movement of referents in space; to show 'role shift'; to contrast pseudo-questions (rhetorical and echo) with genuine questions; and for marking time.

Na Libras, a fonologia refere-se aos parâmetros, que até o momento são cinco (Configuração de Mão, Locação, Movimento, Orientação e Expressões Não Manuais), reconhecidos por linguistas na língua brasileira de sinais e na língua de sinais americana (Stokoe, 1960; Battison, 1978; Brito, 1995; Quadros e Karnopp, 2004). Para Karnopp (1999), “os estudos da fonologia da língua de sinais objetivam identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo modelos descritivos e explanatórios” (Karnopp, 1999, p, 28). De acordo com Silva, Pacheco e Lessa-de-Oliveira (2021),

Nas línguas orais, a fonética estuda o som do ponto de vista físico, por exemplo, se a língua toca o palato com a ponta ou com o dorso ou se a passagem de ar é livre ou com obstrução. Na Libras, essa descrição do ponto de vista físico acontece com o gesto. É possível, por exemplo, descrever se a mão está aberta ou fechada, se os dedos estão estirados ou encolhidos, se as duas mãos realizam o mesmo sinal de forma simultânea ou consecutiva, ou seja, traços que descrevam uma configuração de mão. Sendo possível também essa descrição do movimento, se o movimento é retilíneo para frente, para trás, se é sinuoso, circular, semicircular, se há mudança de movimento em um mesmo sinal etc. Deste modo, uma análise fonética visa descrever toda a produção física do sinal. Cabe à fonética discutir a utilização das mãos e suas possíveis restrições articulatórias (Silva, Pacheco e Lessa-de-Oliveira, 2021, p. 1453).

Apesar de, na Libras, os sinais serem articulados majoritariamente pelas mãos, há aspectos não manuais que vêm sendo cada vez mais analisados pelos pesquisadores. Conforme explanado por essas autoras, “[as] Expressões não manuais (ENM), que se referem às expressões faciais e corporais, as quais ocorrem juntamente na realização dos sinais, se juntam aos outros parâmetros para compor a fonologia das línguas de sinais” (Silva, Pacheco e Lessa-de-Oliveira 2021, p. 12). Contudo, conforme elas demonstram, não temos estudos sobre todas as ENM de forma independente e detalhada como componentes linguísticos em relação ao nível fonológico.

Na língua de sinais britânica, Mohr (2014) fez uma breve menção do olhar sob o aspecto fonológico ao citar os sinais DEUS e CHEFE, explicando que a distinção entre eles seria o uso do olhar, conforme a figura abaixo:

**Figura 1 - Sinais DEUS e CHEFE em BSL**



**Fonte:** Mohr (2014, p. 33).

Durante esta pesquisa, não foram encontradas outras referências, nem exemplos de outras línguas de sinais nem na língua brasileira de sinais que tratem do olhar sob o aspecto fonológico. Adicionalmente, Aksen (2017), em sua dissertação de mestrado na língua de sinais francesa, cita o olhar como parâmetro emergente. Ou seja, encontramos menções do olhar na fonologia apenas nessas duas línguas de sinais.

#### 4 Na concordância verbal

Em relação ao verbo, pesquisas na Libras mencionam duas categorias: verbos simples e verbos com concordância (Lourenço, 2020; Royer e Quadros, 2020). De acordo com seus estudos, Lourenço (2020) afirma que “a concordância verbal é analisada como sendo a modificação da localização do verbo de modo a coincidir com a localização de seu(s) argumento(s)” (Lourenço, 2020, p. 132). Alguns verbos com concordância possuem movimento de trajetória e colocalização. Para Xavier (2019), “verbos com concordância são aqueles cuja forma varia de acordo com a localização no espaço de sinalização dos participantes a que seus argumentos interno e/ou externo fazem referência” (Xavier, 2019, p. 51). Sinteticamente, os verbos sem concordância são aqueles que não possuem uma trajetória ou múltiplas colocalizações. Esse mesmo fenômeno de direção e de localização de verbos é semelhante na língua de sinais americana (Liddell, 2003).

Mohr (2014) considera que o uso do olhar pode marcar concordância verbal do sujeito ou do objeto em verbos morfologicamente marcados, como CULPAR, e não marcados, como AMOR. Ressalta-se que Pfau e Quer (2010) também mencionam a questão da concordância e pronominalização marcadas pelo olhar nas línguas de sinais. Segundo eles, em frases transitivas, o olhar pode ser voltado para o *locus* do objeto, em verbos simples e em verbos de concordância, como nas frases: *ANN BLAMES MARY* e *JOHN LOVES MARY*. Eles mencionam ainda estudos de Thompson, Emmorey e Kluender (2006), que refutam isso, com base em dados experimentais, concluindo que, raramente, o olhar é direcionado ao objeto em verbos simples. Na Libras, Quadros e Karnopp (2004) consideraram que as marcas não manuais (que incluem o olhar) podem ser opcionais em verbos sem concordância, conforme exemplo na figura abaixo.

Figura 2 - JOÃO GOSTA DA MARIA



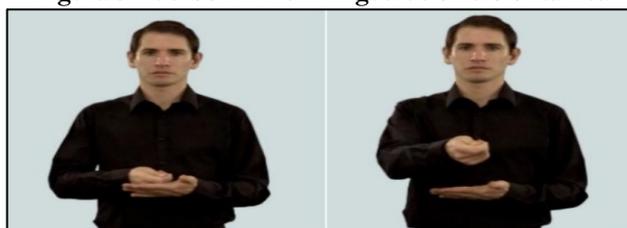
Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 158).

Cabe destacar que, na Libras, vários verbos ancorados no corpo são realizados com apenas uma mão, tais como APRENDER, ENTENDER, SABER, AMAR, PENSAR, COMER, entre outros. Nesses casos, a outra mão fica livre para realizar o apontamento. Outros autores especificam que a direção do olhar pode marcar a concordância verbal (Bahan, 1996; Neidle *et al.*, 2006; Thompson, Emmorey e Kluender, 2006), bem como a localização do objeto (Thompson, Emmorey e Kluender, 2006). Em uma sentença na língua brasileira de sinais, como, por exemplo: A LÂMPADA QUEBROU, pode-se produzir o sinal de QUEBRAR e direcionar o olhar para a lâmpada ao mesmo tempo. Se uma pessoa deseja expressar que UMA PESSOA FALTOU À AULA, pode-se realizar o sinal de “FALTA” e direcionar o olhar para o *locus* onde a pessoa

costuma se sentar. Ambos os sinais são realizados com as duas mãos e o olhar dispensa o apontamento, ocorrendo simultaneamente ao sinal.

Visto que o olhar também pode estar envolvido na concordância verbal e nominal em Libras, vale recapitular o que a literatura aponta sobre os recursos utilizados, tais como a localização e uso do corpo. Uma forma de expressão pronominal seria a realização do sinal em locais dos referentes (Cormier, 2014). Lourenço (2014) corrobora isso ao considerar a colocação dos verbos. Ele considera que o verbo tende a coincidir com a localização dos argumentos e acrescenta que o sinal pode ser realizado próximo ou mais distante do sinalizante. Cormier (2014) cita o exemplo do verbo PAGAR (*PAY*) na língua de sinais britânica.

**Figura 3 - Verbo *PAY* em língua de sinais britânica**



Fonte: Cormier (2014, p. 6).

Essa autora cita que o movimento e a orientação podem ser modificados conforme o local dos referentes presentes ou não. Lourenço (2014) esclarece que na Libras o sinal coincide com os argumentos, conforme o movimento de trajetória e a localização. Ele adiciona que esse processo de concordância ocorre até mesmo em verbos considerados “simples”, como exemplo nos sinais: TRABALHAR, ESTUDAR, entre outros.

Em uma frase como EU TE PAGO, na língua brasileira de sinais, o sinal seria realizado próximo do referente. Na frase VOCÊ ME PAGA, o sinal seria realizado próximo ao sinalizante. Estudos na língua de sinais francesa apontam semelhanças, pois Garcia e Sallandre (2020) postulam que “[a] distinção de pessoas pode ser sinalizada por essas modificações espaciais, marcando um local próximo ao sinalizante para a 1ª pessoa, próximo ao destinatário para a 2ª pessoa, ou próximo a outro referente presente para a 3ª pessoa” (Garcia e Sallandre, 2020, p. 3, tradução nossa).

O apontamento para o próprio corpo do sinalizante é um marcador de primeira pessoa do singular, bem como a própria presença do sinalizante, que utiliza o corpo na produção da Libras. Isso vale para verbos simples, ancorados no corpo, tais como: EU APRENDI, EU ENTENDI, EU PENSO, entre outros.

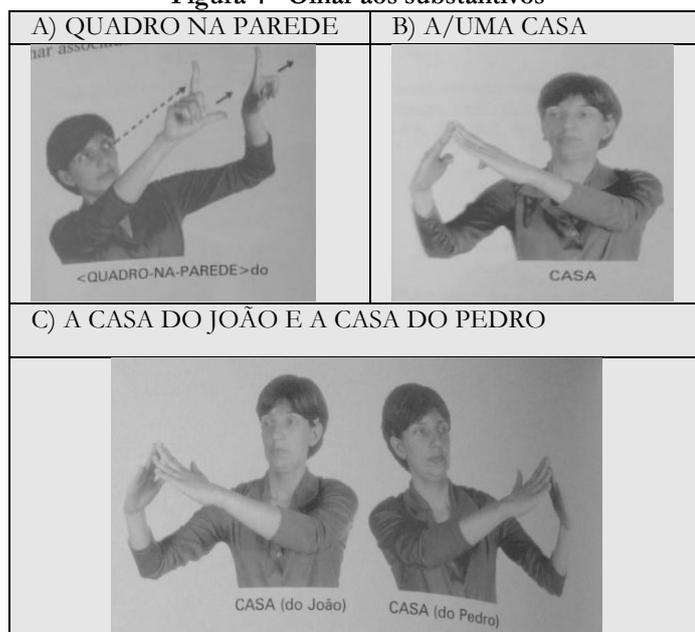
Araújo (2016) cita que “[a] teoria dos espaços mentais tem uma aplicação direta no comportamento dos pronomes e verbos da ASL em todos os seus uso[s]” (Araújo, 2016, p. 35). A autora corrobora Meir *et al.* (2007) ao mencionar que o corpo não é apenas um lugar formal para a produção dos sinais, mas possui várias funções específicas, tais como representar o argumento sujeito e inúmeros participantes de um evento.

Também pode ocorrer a concordância a partir de algum local do corpo do sinalizante, indicando a primeira pessoa, por exemplo, em EU VI, EU AVISEI. Nesse exemplo, o movimento do verbo inicia-se a partir do olho e da boca do sinalizante. Vale mencionar que, na concordância, o olhar é dirigido, não para as mãos/verbos, mas para o interlocutor (referente presente) ou para o espaço (referente ausente). Sobretudo, o emissor os veem por causa de sua visão periférica.

## 5 Nos substantivos e classificadores

Quadros e Karnopp (2004) declaram que se pode direcionar a cabeça e o olhar em direção a um substantivo na Libras. Elas ilustram brevemente isso com os sinais abaixo:

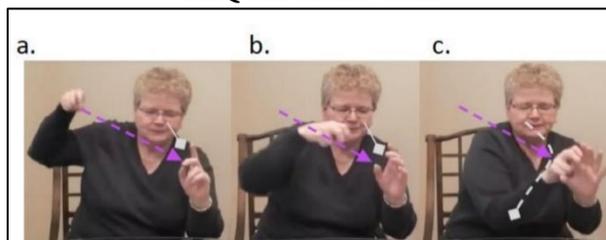
**Figura 4 - Olhar aos substantivos**



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 111, 116 e 128).

Na figura A existe um acompanhamento de olhar para o espaço, coocorrendo junto ao sinal manual. Nas figuras B e C o olhar volta-se para o substantivo. Percebe-se o uso do espaço e olhar ao realizar as relações de itens nas sentenças. Benedicto, Rodriguez-M e Rivera (2021) indicam que o olhar também acompanha um classificador ou a sua trajetória. Elas consideram que os classificadores são predicados, formas morfológicas compostas por duas unidades: configurações manuais e movimento. A configuração manual associada a um constituinte nominal e o movimento ao tipo de eventualidade. Essas autoras argumentam que, na ASL, o olhar acompanha o ponto final locativo.

**Figura 5 - HÁ UMA PEQUENA ÁRVORE (À ESQUERDA); UM PÁSSARO DESCE VOANDO ATÉ A PEQUENA ÁRVORE**



Fonte: Benedicto, Rodriguez-M e Rivera (2021, p. 16).

A figura evidencia o olhar no ponto final (*telos*), no sinal de ÁRVORE. Em conformidade com isso, estudos na língua de sinais cubana também mostram que o olhar direcionado ao locativo está presente apenas em predicados télicos e não em atélicos (Calderón Verde *et al.*, 2018).

## 6 O olhar na poesia

Kaneko e Mesch (2013) citam o uso do olhar na poesia. Segundo elas, o olhar assume uma marcação diferenciada na poesia. Elas ainda consideram que o olhar é parte indispensável na linguística da língua de sinais, conforme sua pesquisa na língua de sinais britânica e sueca. Ao consultar o trabalho dessas autoras, percebeu-se que todos os fenômenos descritos por elas estão relacionados ao que é descrito neste trabalho. Por exemplo, o olhar pode simplesmente

acompanhar os sinais ou complementar o que as mãos estão enunciando. Sobre isso, foi considerado que o olhar acompanha substantivos ou os classificadores e os seus movimentos. Em relação à complementação do que as mãos expressam, elas ilustram com o exemplo da ALTA MONTANHA, em que o olhar para o alto corresponde ao cume, de acordo com a figura apresentada abaixo.

**Figura 6 - ALTURA DA MONTANHA**



Fonte: Kaneko e Mesch (2013, p. 6).

O olhar, ainda, pode ser direcionado à plateia. Nesse caso, se aplica ao destinatário da mensagem que, segundo elas, serve para retórica. O olhar do personagem, o envolvimento do poeta refere-se à ação construída. Sobre o olhar panóptico, significa uma representação mental a qual apenas parte pode ser codificada manualmente. O poeta pode olhar para vários pontos no espaço, reconhecendo elementos invisíveis. Elas ilustram isso do seguinte modo:

**Figura 7 - Olhar panóptico**



Fonte: Kaneko e Mesch (2013, p. 25).

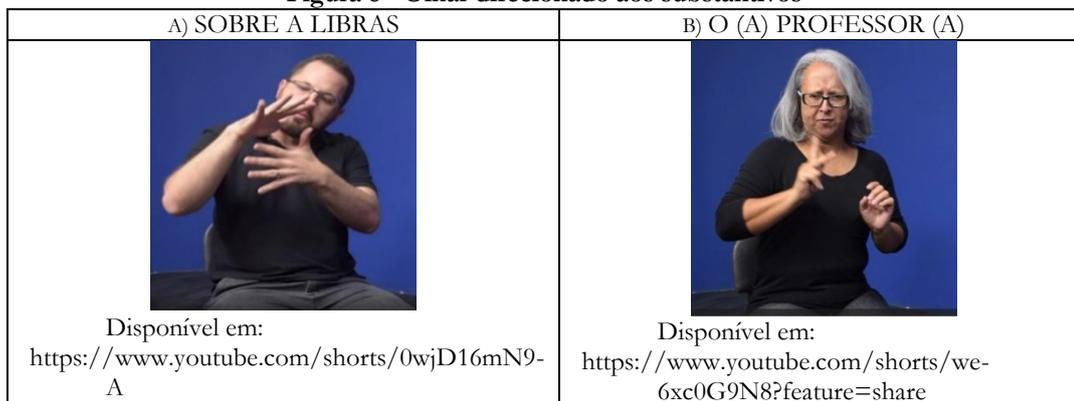
A interlocutora utiliza as duas mãos representando as folhas das árvores, no entanto, o olhar transmite a ideia de pluralidade, de várias folhas. São configurações de mãos funcionando como retomada, demonstrando a característica do referente, acompanhadas do olhar. São classificadores de entidade por demonstrarem a folha como um todo, contudo, o olhar denota uma árvore folharada. Elas ainda mencionam o olhar acompanhando referentes ausentes.

## 7 Considerações sobre os fenômenos apontados

Sobre o tema deste estudo, traz-se aqui algumas discussões em relação aos fenômenos descritos. No nível fonológico temos um exemplo na língua de sinais britânica e a citação de Aksen (2017) em relação ao olhar como parâmetro emergente em seus estudos na língua de sinais francesa. Na concordância verbal, vimos que em verbos com e sem concordância utiliza-se o direcionamento de olhar. Quadros e Karnopp (2004) mencionam que nos verbos “simples” o olhar pode ser opcional.

Sobre os substantivos e classificadores, ao consultar o *corpus* da Universidade Federal de Santa Catarina, exemplos-base deste trabalho, foram encontradas marcações semelhantes em relação ao olhar.

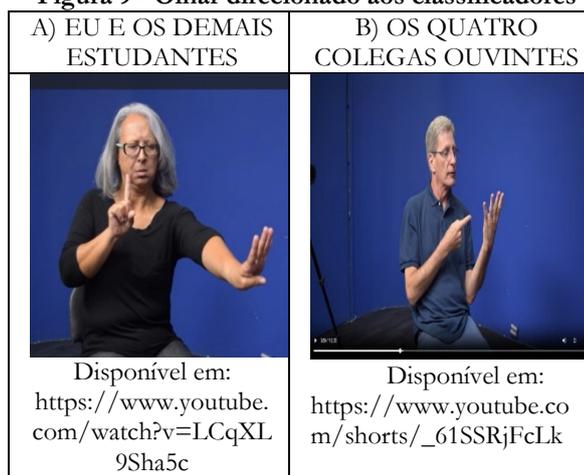
**Figura 8 - Olhar direcionado aos substantivos**



Fonte: Quadros *et al.*, (2020).

Nas duas figuras acima, o olhar do interlocutor acompanha o sinal, ou seja, dois articuladores simultâneos (mãos e olhos). Na figura A, o sinal é realizado com as duas mãos. Na figura B, o sinal é realizado com uma mão. Verifica-se que as mãos já estão produzindo o sinal manual e o olhar dispensa o uso do apontamento. Note nos exemplos abaixo:

**Figura 9 - Olhar direcionado aos classificadores**



Fonte: Quadros *et al.*, (2020).

Os sinalizantes estão utilizando as configurações como itens anafóricos. Estão tratando da época em que estudavam e falando dos ex-colegas de escola. Na figura A, ocorrem as configurações (classificadores de entidade) e um movimento vetorial. Na figura B, o classificador de entidade representa os ouvintes. Em ambos, há um acompanhamento do olhar. Tais dados corroboram Benedicto, Rodriguez-M e Rivera (2021).

Sobre o direcionamento do olhar, Bahan e Supalla (1995) consideram que o sinalizante pode dirigir o olhar para (i) o público, (ii) para as suas mãos, ou mesmo ter uma (iii) visão de personagem. Acrescentamos nessa categorização outro padrão de olhar, que é (iv) para o espaço, com base nos estudos de Engberg Pedersen (1999), porque o sinalizante pode direcionar o olhar para pontos no espaço aos referentes ausentes.

Com base nos autores citados, apresentamos uma categorização um pouco diversa de comportamentos/padrões de olhar na Libras, que seriam:

- (i) Para o receptor;
- (ii) Para as mãos;
- (iii) Olhar interno;

- (iv) Para o espaço;
- (v) Para o referente.

No primeiro item, preferiu-se utilizar o termo receptor em vez de público, visto que também podemos olhar para uma única pessoa. O olhar para as mãos faz referência ao olhar que aqui categorizamos como sendo para os substantivos ou para classificadores. No item (iii), utiliza-se olhar interno, que ocorre na AC, em vez de olhar do personagem, uma vez que entendemos que esse olhar faria referência a um espaço mental interno na cena descrita na sinalização. O olhar, nesse caso, pode ser para “dentro da cena” ou até mesmo “para dentro de si mesmo”, quando os olhos estão fechados.

Nos verbos, embora haja o acompanhamento do olhar, a direção deste é utilizada para marcação dos argumentos. Acrescentamos aqui o item (v), relativo ao olhar para o referente, que pode ser uma pessoa, animal ou coisa, a que nos referimos na mensagem. O olhar ainda pode ter função dupla: o olhar na AC, bem como o olhar para o espaço ao mesmo tempo. Ou seja, pode-se apresentar uma AC e um referente ausente (espaço *token*) ao mesmo tempo:

**Figura 10 - O olhar interno e para o espaço**

A) ELA (KARIN) É ALTA.	B) POR MEIO VISUAL, NAQUELE AMBIENTE, EU ADQUIRI A LÍNGUA DE SINAIS.
 <p>Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=WGgFJdndsRc">https://www.youtube.com/watch?v=WGgFJdndsRc</a></p>	 <p>Disponível em: <a href="https://youtu.be/X86cNDxKjac">https://youtu.be/X86cNDxKjac</a></p>

Fonte: Quadros *et al.*, (2020).

Na figura A, o olhar tem dupla função: a interlocutora utiliza a AC, o olhar interno (olhar para dentro da cena) e o olhar voltado para um referente ausente. Na figura B, a sinalizante utiliza também o olhar interno e o olhar direcionado ao referente ausente.

As expressões faciais, a postura corporal e a direção do olhar ainda são citados na literatura de forma agrupada. Nem sempre podemos agrupar as expressões não manuais, pois cada articulador pode assumir uma função distinta.

Vimos que é possível apontar com as mãos e com os olhos. O olhar pode dispensar o apontamento manual em algumas situações. Por utilizarmos dois articuladores (duas mãos), vimos que é possível realizar um apontamento simultâneo ao sinal, quando este é realizado com uma mão.

Em conformidade com os autores citados nesta pesquisa, o olhar:

- Acompanha verbos simples e com concordância para marcar argumentos. Na concordância verbal, para marcar os argumentos (ausentes), pode-se utilizar um olhar para o espaço, acompanhando o sinal;
- Acompanha substantivos, classificadores e seus movimentos;
- Funciona como marcador de pronomes.

Considera-se que o olhar é um marcador não manual que faz parte da face superior e tem sido utilizado na Libras em diversas construções sintáticas. O uso do direcionamento do olhar, que difere dos olhos (movimento das pálpebras), pode ter cinco padrões, apontados por esta pesquisa: 1- para o receptor, 2- para as mãos, 3- para o espaço, o 4- olhar interno e 5- para o referente.

Embora já direcionemos o olhar para o nosso receptor em uma conversa cotidiana, o olhar pode ser desviado desse interlocutor para marcar formas gramaticais. Vimos que, na poesia, o seu uso é bastante evidente. Além disso, o desvio do olhar do receptor é um elemento chave no uso da ação construída.

De acordo com os exemplos dos fenômenos deste estudo, percebeu-se que o olhar ocorre sempre junto a algum outro elemento: à apontação, ao verbo, ao substantivo ou ao sinal/classificador. Mesmo na AC, há a coocorrência de, pelo menos, da expressão facial.

Podemos apontar com as mãos e com os olhos, entretanto, o olhar pode dispensar o apontamento manual. Por utilizarmos dois articuladores (duas mãos), vimos que é possível realizar um apontamento simultâneo ao sinal, quando este é realizado com uma mão. Com base nesta pesquisa, o olhar é um elemento dêitico-anafórico e sintático.

## Palavras finais

Este estudo buscou identificar os fenômenos linguísticos do olhar na língua brasileira de sinais, abordando seu direcionamento e categorização. Tais aspectos de articulação variam conforme o contexto e sentido que o sinalizante deseja transmitir. É importante ressaltar que o olhar (direcionamento) é tratado na literatura de forma distinta dos olhos (movimento de pálpebras).

Consideramos que é possível apontar com os olhos. O olho é um órgão menor e mais ágil em relação às mãos e possui funções gramaticais. Vimos que há apenas uma citação do olhar na língua de sinais britânica como traço fonológico distintivo. Para refletir: ele pode ser um item fonológico na língua de sinais britânica, e não sê-lo em outras línguas de sinais.

Na concordância verbal, o olhar pode coocorrer aos sinais que são realizados no espaço. O seu uso pode ser opcional em verbos “simples”. Também acompanha substantivos e classificadores/trajetória. O olhar pode ter função dupla (interno e espaço) de acordo com os padrões já citados. Levantamos a hipótese de que, com o olhar, é possível derivar nomes de verbos. No entanto, isso não foi considerado neste trabalho.

Esta não pretende ser uma pesquisa conclusiva, tendo em vista que não esgota o assunto tratado. Buscamos apresentar evidências dos fenômenos apresentados, assim como exemplos extraídos de um *corpus* de surdos de referência. Espera-se que, mesmo com as breves menções de certos fenômenos e elementos apresentados neste estudo, ele sirva como uma semente para a ampliação dos estudos das línguas sinalizadas.

## Referências

AKSEN, Hatice. **Les constructions impersonnelles en LSF: perspectives linguistique et didactique**. Mémoire de Master 1. Sciences du langage, Université Paris 8 – Vincennes - Saint Denis, 2017.

ARAÚJO, Magali Nicolau de Oliveira de. **Os espaços na Libras**. 2016. 143 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/22915>. Acesso em: 17 jan. 2024.

BAHAN, Benjamin James. **Non-manual realization of agreement in American Sign Language**. Tese de doutorado (Filosofia), Boston University, 1996. 369 f. Disponível em: <https://louis-xiv.bu.edu/pub/asl/disserts/Bahan96.pdf>. Acesso em: 1 set. 2023.

BAHAN, Benjamin James; SUPALLA, Samuel James. **Line Segmentation and Narrative Structure: A Study of the Eye Gaze behavior in American Sign Language**. In *Language, Gesture and Space*, eds. K. Emmorey and J. Reilly, 171-191. 1995. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

BATTISON, Robbin. **Analyzingsigns**. In: *Lexical borrowing in American Sign Language*. Silver Spring, MD: Linstok Press, 1978.

BENEDICTO, Elena; RODRIGUEZ-M, Paula J.; RIVERA, Esther. Where does that [EyeGaze] go? **FEAST** 4: 12-24, 2021. Disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/FEAST/article/download/394526/487936>. Acesso em: 25 ago. 2023.

BERNARDINO, Elidéa Lúcia Almeida *et al.* Ação construída na Libras conforme a linguística cognitiva. **Signótica**, 2020, v. 32. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/62990/36478>. Acesso em: 30 ago. 2024

BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

CALDERÓN VERDE, Alicia *et al.* Path, Process and (a)Telicity in Space: Motion Predicates in LSCu, Sign Language of Cuba. 2018. **Celebração**. Avanços Formais e Experimentais na Teoria da Língua de Sinais 2. <https://doi.org/10.31009/FEAST.i2.01>. Disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/FEAST/article/download/10.31009-FEAST.i2.01/438688>. Acesso em: 26 ago. 2023.

CORMIER, Kearsy. Pronouns, agreement and classifiers: What sign languages can tell us about linguistic diversity and linguistic universals. (Working Papers in Linguistics 26). **UCL Psychology and Language Sciences**: London, UK. 2014. Disponível em: [https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/10127788/1/Cormier\\_UCLWPL\\_2014.pdf](https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/10127788/1/Cormier_UCLWPL_2014.pdf). Acesso em: 25 ago. 2023.

DACHKOVSKY, Svetlana. **Facial expression as intonation in Israeli Sign Language: the case of neutral and counterfactual conditionals**. In: Quer Josep., editor. *Signs of the time. Leading research in sign language*. Signum Press; Hamburg: 2008. pp. 61–82. Disponível em: <http://www.www.signum-verlag.de/BTitel/pdf/978-3-936675-22-1BSP2.pdf>. Acesso em: 2 set. 2023.

ENGBERG-PEDERSEN, Elisabeth. **Staring in Danish Sign Language monologues: forms, functions, notation problems**. Work presented at the 3rd Intersign Workshop Siena. 1999.

FAUCONNIER, Gilles. **Mappings in Thought and Language**. Cambridge: Cambridge University Press. 1997.

FERREIRA-BRITO, Lucinda; LANGEVIN, Remi. **Sistema Ferreira Brito-Langevin de Transcrição de sinais**. In: FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática da língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FIGUEIREDO, Lorena Mariano Borges de; LOURENÇO, Guilherme. O movimento de sobranceiras como marcador de domínios sintáticos na língua brasileira de sinais. *Revista da Anpoll*, v. 1, n.º 48, p. 78-102, Florianópolis, Jan./Jun.2019. ISSN: 1982-7830. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1235>. Acesso em: 16 fev. 2023.

GARCIA, Brigitte; SALLANDRE, Marie Anne. **Contribution of the Semiological Approach to Deixis–Anaphora in Sign Language: The Key Role of Eye-Gaze**. v. 11, 2020. Structures Formelles du Langage Laboratory, UMR 7023, Centre National de la Recherche Scientifique, University of Paris 8 – University Paris Lumières, Paris, France. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2020.583763/full>. Acesso em: 16 fev. 2023.

GROSSMAN, Ruth Barbara; SHEPARD-KEGL, Judy Ann. To Capture a Face: A Novel Technique for the Analysis and Quantification of Facial Expressions in American Sign Language. *Sign Language Studies*, 6(3), 273–305. 2006. Disponível em: <https://facelab.emerson.edu/wp-content/uploads/sites/62/2010/12/Grossman-Kegl-To-Capture-a-Face.pdf>. Acesso em: 2 set. 2023.

KANEKO, Michico; MESCH, Johanna. Eye Gaze in Creative Sign Language. *Sign Language Studies*, 13(3), 372–400, 2013. Disponível em: <https://www.bristol.ac.uk/media-library/sites/education/migrated/documents/eyegaze-draft.pdf>. Acesso em: 1 set. 2023.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Aquisição fonológica na língua brasileira de sinais**. 1999. 273 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, curso de Pós-graduação em Letras, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/60505>. Acesso em 16 fev. 2024.

LIDDELL, Scott Kenneth. **Grammar, Gesture and Meaning in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. doi:10.1017/CBO9780511615054. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/grammar-gesture-and-meaning-in-american-sign-language/D0EDB5033897DE748C936F9AC271D2DF>. Acesso em: 16 fev. 2023.

LIMA JÚNIOR, Valdemar Barbosa. Variação, mudança e perspectiva no uso do léxico da Libras. *Revista Philologus*, v. 29, n. 85, p. 196-211, 2023. ISSN: 1413-6457. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/1419>. Acesso em: 25 ago. 2023.

LOURENÇO, Guilherme. **Redefinindo o conceito de concordância verbal**. In: RODRIGUES, C, H.; QUADROS, R. M DE. Estudos da língua brasileira de sinais. Volume V, p. 115-136. Florianópolis, SC, Editora Insular: 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/216891/Estudos-da-Lingua-Brasileira-de-Sinais-volume-5-zm4zwv.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 ago. 2023.

LOURENÇO, Guilherme. **Concordância, Caso e Ergatividade em Língua de Sinais Brasileira: uma proposta minimalista**. 2014. 161 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MGSS-9KPPP4>. Acesso em: 16 fev. 2023.

LOURENÇO, Guilherme. **Redefinindo o conceito de concordância verbal em língua brasileira de sinais**. In book: Estudos da Língua Brasileira de Sinais - Volume V Publisher:

Editora Insular, 2020. 115-136. Disponível em: <https://insular.com.br/produto/estudos-da-lingua-brasileira-de-sinais-volume-v/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

MEIR, Irit *et al.* Re-Thinking sign language verb classes: the body as subject. **Journal of Linguistics**. 2007; 43(3), p. 531-563. doi: 10.1017/s0022226707004768. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-linguistics/article/abs/body-as-subject/1/80712D049E5034AD1B07015A631314CA>. Acesso em: 11 nov. 2024.

MOHR, Susanne. **Non-Manuals in Sign Languages – Theoretical Background**. In Mouth Actions in Sign Languages: An Empirical Study of Irish Sign Language, 1st ed., 31–63. De Gruyter, 2014. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/j.ctvbkjx0v.10#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/j.ctvbkjx0v.10#metadata_info_tab_contents). Acesso em: 16 fev. 2023.

NEIDLE, Carol *et al.* **The Syntax of American Sign Language: Functional categories and Hierarchical Structure**. p. 1-25, 2006. Disponível em: [https://www.academia.edu/5681076/The\\_Syntax\\_of\\_American\\_Sign\\_Language\\_Functional\\_Categories\\_and\\_Hierarchical\\_Structure](https://www.academia.edu/5681076/The_Syntax_of_American_Sign_Language_Functional_Categories_and_Hierarchical_Structure). Acesso em: 16 fev. 2023.

PADDEN, Carol. **The eyes have it: linguistic functions of the eyes in American sign language. In: language and communication research problems**. Gallaudet. p. 31-35, 1976. Disponível em: [https://archive.org/details/ERIC\\_ED138020/page/n63/mode/2up](https://archive.org/details/ERIC_ED138020/page/n63/mode/2up). Acesso em: 12 set. 2023.

PÊGO, Carolina Ferreira. **Sinais não-manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais: um estudo do morfema-boca**. 2013. 88 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13303/1/2013\\_CarolinaFerreiraPego.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13303/1/2013_CarolinaFerreiraPego.pdf). Acesso em: 16 fev. 2023.

PERNISS, Pamela M. Achieving spatial coherence in German Sign Language narratives: The use of classifiers and perspective. **Lingua** 117 (2007), p. 1315–1338. Disponível em: [http://www.pernipa.eu/papers/Perniss07\\_spatial\\_coherence.pdf](http://www.pernipa.eu/papers/Perniss07_spatial_coherence.pdf). Acesso em: 16 fev. 2023.

PFAU, Roland; QUER, Josep. **Nonmanuals: their grammatical and prosodic roles**. In: BRENTARI, Diane (org). Sign Languages. Cambridge: University Press, 2010. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1uzyi5UrXKczoI8HzpmDnejUmuUrFAWdx/view>. Acesso em: 24 out. 2022.

PRILLWITZ, Sigmund. **Grammatik der Deutschen Gebärdensprache**. Hamburg: Forschungsstelle Deutsche Gebärdensprache. 1985.

QUADROS, Ronice Muller de *et al.* **Corpus de Libras**. 2020. Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

QUADROS, Ronice Muller; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUEIROZ, Ricardo Bustamente de *et al.* **Analysis of the Influence of the Field of View on a Crowd Simulation Model Based on Synthetic Vision**. In: 2015 XVII Symposium on Virtual and Augmented Reality. IEEE, 2015. p. 84-91. Disponível em: <https://ieeexplore.ieee.org/abstract/document/7300731>. Acesso em: 19 set. 2024.

ROYER, Miriam; QUADROS, Ronice Muller. Ordem das palavras nas sentenças Libras no corpus da Grande Florianópolis. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 29, 2020. DOI: 10.25189/rabralin.v18i1.1375. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1375>. Acesso em: 16 fev. 2023.

SAITO, Kurumi. **Eye Gaze and Eye Movement in Japanese Sign Language**. Journal of social policy and social work, 20, 5-21, 2016. Disponível em: [https://jcs.w.repo.nii.ac.jp/?action=repository\\_action\\_common\\_download&item\\_id=381&item\\_no=1&attribute\\_id=45&file\\_no=1](https://jcs.w.repo.nii.ac.jp/?action=repository_action_common_download&item_id=381&item_no=1&attribute_id=45&file_no=1). Acesso em: 2 set. 2023.

SANDLER, Wendy. Prosody and syntax in sign language. **Transactions of the Philological Society**. Volume 108:3 (2010) 298–328. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-968X.2010.01242.x>. Acesso em: 29 ago. 2023.

SANDLER, Wendy. Symbiotic symbolization by hand and mouth in sign language. **Semiotica**. 174, n. 1/4, 241-275, 2009. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2863338/>. Acesso em: 2 set. 2023.

SILVA, Ione Barbosa de Oliveira; PACHECO, Vera; LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana Stella Cardoso. Um panorama fonético-fonológico da língua brasileira de sinais-Libras. **Revista Philologus**, v. 27, n. 79, supl. 2021. ISSN: 1413-6457. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/134>. Acesso em: 16 fev. 2023.

STOKOE, William. Sign Language Structure: An outline of the visual communication systems of the american deaf. **Studies in Linguistics**, n 8 University of Buffalo, 1960.

SUTTON-SPENCE, Rachel; WOLL, Bencie. **A Linguística da língua de sinais britânica: uma introdução**. Cambridge: Cambridge University Press. 1999.

SUPALLA, Ted. **Revisiting visual analogy in ASL classifier predicates**. In: EMMOREY, Karen. (Ed.). Perspectives on classifier constructions in sign languages. Mahwah, NJ and London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2003.

THOMPSON, Robin; EMMOREY, Karen; KLUENDER, Robert. The relationship between eye gaze and verb agreement in American Sign Language: An eye-tracking study. **Natural Language & Linguistic Theory**, 24, 571-604, 2006. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/227069368\\_The\\_Relationship\\_between\\_Eye\\_Gaze\\_and\\_Verb\\_Agreement\\_in\\_American\\_Sign\\_Language\\_An\\_Eye-tracking\\_Study](https://www.researchgate.net/publication/227069368_The_Relationship_between_Eye_Gaze_and_Verb_Agreement_in_American_Sign_Language_An_Eye-tracking_Study). Acesso em: 2 set. 2023.

WILBUR, Ronnie Bring. **Modality and the structure of language: Sign languages versus signed systems**. In: MARSCHARK, M.; SPENCER, P. E. (Eds.). Oxford Handbook of Deaf Studies, Language, and Education. New York: Oxford University Press, 2003a. p. 332–346.

XAVIER, André Nogueira. Análise preliminar de expressões não-manuais lexicais na Libras. **Revista Intercâmbio**, v. XL:41-66, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237- 759X. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/44974>. Acesso em: 16 fev. 2023.

Submetido em 09/03/2024

Aceito em 30/08/2024